



Pergunta que fiz ao universo



Escrito por: Clarice Madeira Giusti

....

Observava atentamente aquela tarde cinzenta, daquele dia feio, no qual chuviscavam gotas pequenas que mais pareciam lágrimas... e de repente se pegou pensando: nossa, como o mundo mudou!

Não sabia o porque teria pensado isso, mas sabia que todos os seus pensamentos tinham fundamento. Quando escuta do fundo de algum canto escondido do jardim seu nome: Eleonora, vamos embora!

E de repente perde totalmente sua linha de raciocínio, pensando em outra coisa, olhava a vista do banco de trás do carro, achava linda a paisagem em meados de cinco horas da tarde... começava a refletir o porque mudou e como era o ritmo da vida antigamente. Quando teve a audácia de perguntar para tio Jorginho. Tio Jorge [para algumas pessoas sem muita intimidade]. Era muito engraçado, falava sem parar. Teve uma infância muito complicada e uma juventude difícil, por um lado a vida dele parecia um romance dos anos 70, ou um filme de sessão da tarde que logo depois de assistir se coloca um sorriso no rosto. Mas por outro era cheia de medos e traumas.

Naquele único e específico fim de tarde tio Jorginho estava angustiado e um pouco triste e decepcionado com algo, Eleonora achou melhor não perguntar o que teria acontecido com seu tio por sempre escutar a mesma resposta: e coisa de gente grande, gente que paga conta e trabalha! Eleonora odiava essa resposta com todas as suas forças, mas em fim perguntou: tio Jorginho, como era viver antigamente?

Ele sem muita questão de responder essa pergunta complicada e complexa que assombrava sua sobrinha, respondeu: difícil e bastante simples. Eleonora ficou intrigada com a resposta, pensava um milhão de coisas, como: mas era difícil por ser simples? Será que as pessoas conviviam mais e brigavam menos? Mas, mesmo com os seus pensamentos não quis perguntar, olhou seu tio a fundo tentando achar o motivo de sua decepção e amargura...

Eleonora tinha dois tios: tio Jorginho e tio Raimundo. Adorava tio Raimundo, achava ele um barato.

Não sabia exatamente o que aconteceu na vida de tio Jorginho, para ser tão complicada e complexa assim, mas pensava que se sua vida foi complicada a de seu pai e de tio Raimundo também teriam sido...

Eleonora, se considerava uma observadora do tempo, alias o tempo era algo que teria muito em que pensar ainda... pensava coisas pequenas, como: quem foi a primeira pessoa que bebeu água de coco? Ou se, comer ovo todo dia faz mal? Mas também se perguntava coisas que somente ela poderia um dia responder, como: o que é o amor? Ou o porque ela se importava muito mais com as pessoas do que as pessoas se importavam com ela. Olhava para a janela do carro, e pensava que algumas perguntas nunca teriam uma resposta...

Mas logo depois, com sua curiosidade, pensavam que talvez as perguntas sem resposta ou infinitas um dia achariam uma solução... então quando saiu do carro foi correndo, como sempre, para o jardim, antes que escurecesse, pois assim poderia observar por horas o brilho do sol radiante que não atravessava somente as árvores, mas um sorriso eterno que toda vez se lembrava.

O brilho do sol era tanto que clareava o jardim todo e ainda, a infinidade de seus pensamentos, agora iluminados e brilhantes.... Seus pensamentos eram inocentes como uma margarida que acabará de nascer e nunca nem sequer uma vez caiu no chão ou foi pesada. Ficava ali vendo todos os tipos de plantas e arvores que existiam, ate alguém gritar: Eleonora, menina, ainda nesse jardim? Vai tomar banho para jantar, agora!

Então com seus pensamentos em dia, começava a andar sorrindo para se aprontar para o jantar, e mais tarde quando todas as luzes estivessem apagadas, e quando só houvesse as luzes das estrelas, por que elas sim, iluminavam a noite que na sua cabeça era tão escura e sozinha. Então logo depois voltava para o jardim com uma coberta e uma almofada velha, e ali passava uma parte de sua noite. Pensava que com as estrelas jamais estaria sozinha. Então começava a conversar com pequenas luzes que estava a milhares de anos luz dali, e cada vez mais olhava afundo ate um sorriso completo e cheio formar-se em seu rosto só então iria embora...

Eleonora era uma pessoa interessante, tinha um cabelo dourado cor de mel e olhos claros que mais diziam que mil palavras acumuladas, tinha paixão pela vida. Amava a arte a natureza e por mais incrível que seja, tinha fé nas pessoas, mas duvidava sobre questões que ah prendiam por horas, ate semanas.

Tinha alma de poeta, olhar de amor e esperança, sorriso que parecia por pequenos segundos que clareava tudo em sua volta. Achava que não era tão fácil conhecer uma pessoa ou sequer entender o que ela passou em sua vida. Mas como sua avó Iracema sempre dizia a ela: “todos temos uma historia de vida única...” aquela frase fazia Eleonora pensar. Pensar no que viverá e o que ainda ah aguardava, afinal nos olhos de sua família ainda era tão pequenina para viver a vida. O que não era de certo uma verdade, Eleonora já havia completado uma idade na qual sabemos um pouco de quem somos, mas ainda somos muito novos para algumas coisas.

Isso a deixava um tanto quanto confusa e decepcionada, afinal chegará a idade que sua doce infância tanto aguardava, pois teria quando criança construindo uma visão de mundo tão pequenina, quase que do tamanho de uma moeda que caberia na palma de suas mãos miúdas. Eleonora foi uma criança que sempre foi cercada de arte, cultura, natureza e tudo que ah de mais diverso no mundo. Por isso nunca entendeu completamente o mundo a sua volta. Questionava muita coisa a sua volta, afinal foi, como muitos, mas infelizmente não todos, incentivada a plantar arvores e as não arranca-las. Mas como tia marcela sempre dizia: o mundo e um lugar complicado que foi feito para nos questionar sobre tudo e qualquer coisa; uma vez intrigada perguntou, esperando uma resposta clara: então... tia marcela, o mundo e um lugar ruim?

Ela, por sua vez olhou para os temperos da cozinha, e disse sorrindo: definitivamente não! O mundo não é ruim, o que e ruim são pessoas de má índole... Naquela época ainda não sabia o que era “índole” porem acreditava na fala de sua tia, afinal falava com tanta sabedoria, que Eleonora tinha receio de questiona-la....

Um dia, deitada de cabeça para baixo, pensava em pensamentos que passam pela nossa cabeça que nem a vida, mas um a pegou de certo jeito que ah agoniou, e claro que não se aguentou e perguntou a sua avó, que naquela hora olhava um casal de passarinhos que estava em uma das arvores de seu jardim diverso. Quando avó Iracema viu sua neta passar, tratou de chama-la logo:

- Eleonora meu bem, venha cá! Venha observar comigo, aquele casal de pássaros que estar ah namorar na jabuticabeira!

Ela curiosa tratou de ir rápido.

Afinal aprendera que na natureza tudo se completa! E sobre aquele pensamento, só uma única opinião para ela no universo todinho: que extraordinário!

Depois de algum tempo de observação, perguntou antes que esquecesse do que lhe agoniava:

-Vovó Iracema, qual a historia de nossa família?

Sua vó, sem muita paciência, lhe disse:

- Oh não mais uma de suas dívidas que ah intrigam?

Eleonora arregalando os olhos:

- Sim! A senhora poderia me explicar?

- Claro! Também acho que já estar mais do que na hora da senhorita saber... afinal, o que somos nos sem nossa origem?

Eleonora sorriu.

Quando avó Iracema sentou em sua cadeira de balanço antiga, mandou Eleonora pegar uma almofada e se sentar no chão...

Então, ela pegou a almofada mais confortável que viu e se sentou.

Sua avó respirou fundo, e em fim começou:

- Para entender uma historia e necessário lhe contar Tim Tim por tim tim, certo?

Eleonora empolgada balançou a cabeça;

- Pois então, vamos começar!

Tudo começa no seu avô Paulinho, era uma pessoa boa! Amava a natureza! Ate parece com você! Sua infância foi muito difícil. Foi sempre destrutado por ser quem era. Faltou de tudo e mais um pouco em sua juventude. Lhe faltou amor, aprendizado, barriga cheia da comida que mais gostava. Lhe faltou compreensão e carinho. Então na primeira oportunidade, seguiu seu próprio caminho. Não podemos julgá-lo, afinal só somos quem somos por causa de sua decisão....

Quando decidiu seguir seu caminho, já havia completado idade para ir para qualquer lado que quisesse. Então lhe ofereceram um trabalho, o trabalho em si era muito cansativo e desgastante. Trabalhava em uma loja que fazia de tudo e mais um pouco: desde uma loja de sapatos ao um açougue; uma vez entrou um homem que carregava uma maleta e vestia um terno de seda preto, olhou para toda a loja e encarrou seu avô por alguns segundos, deixou algo na bancada e saiu pela mesma porta que entrou.

O folheto dizia que partiria um navio para Holanda em breve, e que para saber sobre a data teria de estar ali todos os dias pela próxima uma semana as quatro horas em ponto. Ele que buscava novas oportunidades de vida: dobrou o folheto e colocou na manga de seu casaco. Então igual o homem que lhe deixou uma oportunidade de vida e logo foi embora, seu avô saiu pela porta da frente e correu como se ninguém jamais tivesse aparecido por ali, contou-nos que sentiu o vento em seus cabelos cacheados e teve vontade de gritar pela liberdade e pela tranquilidade.

Então, no dia seguinte, chegará minutos antes, na espera da barca que lavava seu futuro todinho, enquanto esperava, observava as pessoas do porto ao seu redor, olhava moças com futuros que foram obrigadas a seguir, olhava também famílias tristes não sabendo se veriam novamente seus filhos ou sobrinhos, mas observava também pessoas comuns como ele. Alguns procuravam amores perdidos e outros, esperança e alguns fugiam, e uma pequena parte olhava ao redor de pessoas apressadas....

Eleonora arregalava os olhos e pensava constantemente: o que será que vai acontecer agora?

Quando tio Raimundo passava ali perto, quis saber de onde era o som daquela voz que ele tanto conhecia, pensava de quem era aquela voz, e tentava segui-la pela casa; quando encontrou Eleonora com avó Iracema, dona Iracema contava a sua neta uma historia que para seus ouvidos já se tornara antiga, porém não sabia ao certo qual seria essa "historia velha".

Encostou na porta do quarto e resolveu escutar a história.

Quando percebera que a tal história era a de sua família, a interrompeu na hora. Falou qualquer coisa para que dona Iracema parasse de falar. Afinal já havia “protegido” Eleonora dessa história durante todo aquele tempo, não ousaria estragar todo seu “trabalho” por tão pouco! Então inventou qualquer desculpa para tira-la dali logo e o mais rápido possível, antes que avó Iracema falasse mais do que o estritamente necessário!

- Eleonora, pare de criar problemas na cabeça de sua avó! Desça deve ter alguma na geladeira para você comer!

Eleonora não entendeu muito. Na hora percebeu que algo estava errado, afinal sua avó ainda estava no começo aquela história que parecia fantástica mais para frente! E também não estava nem perto de sentir alguma fome...

Então, saiu do quarto assim como seu tio lhe disse para fazer, mas não desceu, ficou por ali, escutando o porque sua avó não poderia terminar de contar sua origem? Assim que ela saiu do quarto, seu tio começou a falar (ou melhor a brigar) com dona Iracema. Eleonora não conseguiu escutar tudo, mas escutou o suficiente, o que mas lhe chamou a sua atenção, foi uma frase que não iria sair de sua cabeça tão cedo:

- a senhora sabe que nossa família não é linda e muito menos as mil maravilhas! Não podemos contar a ela essa história, quero que Eleonora fuja disso que vivemos, quero que quando fique sabendo, saiba a verdade, não precisa ser agora! Dona Iracema, a senhora sabe que nossa família é cheia de mentirosos e corruptos, quando for conta-la a real história, lhe conte também que avô Paulinho deixou filhos e roubou o bilhete do navio, por isso ele não sabia quando iria sair a barca!

Eleonora assustada com a fala de seu tio, correu. Pensou que era a melhor coisa que poderia fazer a respeito. Afinal, tinha em mente que quando correrem, correrem para a liberdade!

Aliás liberdade era algo que precisava naquela hora. Então foi para um jardim que ficava ali a poucos minutos de distância, foi com uma cadernetinha velho que tinha a tempos, nela fazia desenhos, poemas, coloria sistemas solares até olhos de pessoas, aquele caderninho velho ah acalmava e naquela hora ela precisava de muita calma e sossego. E ali ficou, até a noite cair. Pensou em muita coisa: nas palavras de seu tio, o porque sua avó contaria uma história fora da realidade?

Olhou para pessoas que ali passava, para as árvores e incrivelmente para um casal de passarinhos que estavam ali ah namorar. Coloriu pessoas, idas e voltas, luas nascentes chegou até a colorir ondas do mar. Quando voltou para casa, escutou alguém chamando seu nome, e perguntando se alguém havia lhe visto, era tia Marcela, lhe procurando para lhe dar um vestido antigo. Decidiu entrar pelos fundos e fingir que sempre estivera ali, parada feito uma estatua. Quando tia Marcela entra na cozinha e fala aliviada em achá-la, mas agoniada pois não poderia estar aquele tempo todo ali:

- Ai graças a Deus você está aí!

- Onde se meteu?

Porque está com essa cara de choro?

Quero te mostrar um vestido lindo! Garanto que quando olhar para o vestido essa sua carinha de chora vai passar na hora...

Eleonora olhou o vestido, que sua tia fazia tanto caso e gostou. Mas continuou com o mesmo humor. Como sempre foi jantar e logo depois foi para o quintal de casa. Naquela noite, estava frio e meio solitário, naquele dia se identificou com a noite, estava silenciosa, fria e logo, logo iria chover.

Quando subiu para seu quarto se sentiu enganada e por mais que não quisesse, sua curiosidade queria saber o final da história. Então fez um trato com si mesma: quando estiver pronta para escutar aquilo, iria perguntar novamente! Se perguntou também quando estaria pronta, mas logo se respondeu com um simples: irei saber!

Eleonora embora sendo muito curiosa, não quis saber o final daquela história, pensava com si mesma: para que vou guardar informações falsas? Avó Iracema sempre à chamava, dizendo:

- Logo você, que tem curiosidade na veia, não se interessa para o final da história?

- Deixe eu te contar o final, paramos ainda muito no começo!

Ela com certa calma e doçura respondia avó inventando alguma desculpa esfarrapada...

Durante aquele tempo, Eleonora saiu de fininho diversas vezes, para tentar sair de certas situações que perguntavam sobre sua tristeza.

Sua família sempre perguntava:

- Estar tudo bem? Porque estar tão quieta esses dias? Sempre respondia com um sorriso sem dentes e saía, por mais que quisesse falar, pensava o porque? Se iriam inventar outra mentira...

Eleonora conseguia, agora escutar pequeninos barulhinhos em sua casa, que uma pessoa satisfeita com a vida normalmente não prestaria atenção, durante aquelas semanas Eleonora carregava uma certa amargura em si... Tia Marcela percebera seu comportamento incomodado e de certo um tanto quanto triste. Imaginou mil motivos, fatos, de coisas futeis ah coisas sérias. Tia Marcela assim como tio Raimundo, escutará dona Iracema contar a “história da família”.

Ela, assim como sua sobrinha, escutou tio Raimundo conversando com avó Iracema Quando percebeu que esse era o motivo de sua chateação, percebeu algo que já venho observando durante o tempo que venho escrevendo essa história: Eleonora, vive em mundos que se passam na sua cabeça. Talvez não prestasse atenção no que estava acontecendo em sua própria família, ou talvez, nunca tenham lhe mostrado a real realidade.

Por mais que Eleonora falasse para si mesma que não queria saber do final daquela história que sua avó dizia ser a origem de sua família, sua curiosidade desmentia sua decepção com a mentira de sua família. Uma vez chegou a pensar o porque a necessidade de saber da onde as coisas e vem e para onde vão....

...

Sua casa era muito antiga e guardava muitas lembranças e histórias, já escutou uma vez quando pequena, de seu pai que TODA sua família já haviam passado por lá. O que também explica a casa estar em constante reparo. Um dia, tentou abrir uma gaveta e não conseguiu. Então se lembrou da fala de seu pai. E pensou que talvez, encontrasse algo que lhe dissesse algo sobre aquele mistério que se tornará a sua história...

Procurou em todos os lugares e achou algumas coisas para algo maior, então foi no quarto de tio Raimundo. Seu quarto vivia com as cortinas fechadas, tinha armários de madeira e uma escrivaninha com um abajur antigo, e uma cadeira de balanço com um edredom vermelho em cima.

Procurou primeiro nos armários, achou duas caixinhas rústicas, e pequenas. Uma delas, haviam cartas para alguém que seu tio amava muito mais infelizmente se foi muito cedo.

Quando terminou de ler as cartas, Eleonora entendeu um pouco mais a amargura de seu tio. Na segunda caixa, havia um endereço. Aquela rua era familiar, era próxima do jardim que Eleonora se refugiava quando sentia algo errado. Não pensou duas vezes: saiu de casa correndo...

Quando chegou na casa sentiu-se segura, mas não entendia o porque. Afinal, não sabia quem morava ali, ou se não iria ter nada a ver com sua família. Tocou a campainha e atendeu uma senhoria que carregava um regador de flores, não sabia quem era a Eleonora, mas deu um sorriso tão claro, semelhante ao que Eleonora dava observando o jardim de sua casa. Eleonora sentiu que nunca viu alguém dando um sorriso tão sincero para ela durante toda sua vida...

A senhorinha falou:

- Boa tarde, como vai? Procura algo?

Ele sorriu e se sentiu completa! Eleonora agora feliz, respondeu:

- Me desculpe, cometi um engano!

A senhora com gentileza, respondeu:

- Então, posso lhe oferecer um café? Assim talvez você ache o lugar que procura no universo mais fácil?

Eleonora entrou, conversou um pouco com a senhora, mas não parava de se perguntar: como assim lugar no universo?

Mais deixou quesito, percebeu que a senhora ah reconheceu. Agradeceu o café e o sorriso e foi embora, satisfeita.

Mas dessa vez, não foi para o jardim que ficava perto e nem para casa. Foi para uma praça que sempre achou que algo muito grande acontecia lá no centro da cidade todos os dias. E de lá foi para o alto de uma colina que conseguia ver tudo e todos...

Com o sorriso da senhora todas suas perguntas daquele momento foram respondidas.

E no alto da colina via todas as luzes e histórias da cidade, e só conseguia pensar: como o mundo é pequeno... Mais tarde receberia uma carta da senhoria, dizendo que a conhecia de muito tempo. E que no dia em que Eleonora foi em sua casa ela se sentiu muito leve e feliz. E que sabia que Eleonora era uma pessoa boa, e tinha confiança e esperança que ela mudaria o rumo da história de sua família...

Eleonora continua se perguntando tudo sobre tudo. E entendeu coisas que para sua juventude eram impulsáveis entender... Continua sem entender coisas sobre o mundo e as vezes só pensa: ainda bem que não consigo entender, porque se não faria parte do problema!

O que posso contar a você, caro leitor?

Somos a solução que queremos ver!

Eleonora olhava o melhor nas pessoas, tinha alma de poeta, perguntou coisas que o universo não soube lhe responder. Ela aprendeu muita coisa desde sua juventude, e quando se perguntar pá em perguntar, pergunte ao universo!

